

Leonardo Coimbra

A primeira dissertação académica, no país, sobre a filosofia criacionista

Veio a lume e foi apresentado publicamente na Póvoa do Varzim, no dia 22 de Abril de 2005, o livro O DEUS E OS HOMENS DE LEONARDO COIMBRA.

É seu autor Antero Marques Simões, natural da Póvoa do Varzim, licenciado em Filosofia e Humanidades Clássicas, na Faculdade de Filosofia de Braga, professor liceal jubilado, escritor e desportista.

O tema central do livro e o motivo maior da sua publicação encontra-se na segunda parte, intitulada O DEUS DE LEONARDO, que contem, precisamente "um aproveitamento, modificado e ampliado" da dissertação que o Autor apresentara em Junho de 1954, na Faculdade de Filosofia de Braga, para obtenção do grau de licenciatura em Filosofia.

Dera-lhe o extenso título de "O Problema da Relação a Deus no Criacionismo de Leonardo Coimbra". Iniciou a sua elaboração em 1952, com a natural dificuldade de penetrar um discurso aparentemente hermético, tão distante da formação que ia recebendo na chamada "Filosofia perene".

Mas, cedo se entusiasmou com o trabalho, dado o fascínio que nele exercera a obra leonardina, pela sua linguagem e raciocínio, pelo seu modo próprio de filosofar, pelo seu tom e estilo muito vivo de associar a "ideia" à "imagem" mais significativa e caracterizadora. A tal ponto que o adoptou como Mestre, pois fora para ele um verdadeiro "removedor de ideias", um "despertador de almas" e vocação para o pensamento filosófico.

Chegou a hora de entregar o trabalho por obrigação curricular; e assim fez, a 30 de Junho de 1954, pondo nas mãos do Professor de Teodiceia, a "tese" de Licenciatura.

Guardou, depois, a "fotocópia" e nunca mais deixou de a trazer consigo, porque

prometera a si mesmo, que um dia a havia de publicar, chegando até a sonhar que poderia dar azo a um livro mais amplo e abrangente.

Uma vez jubilado, encontrou tempo e disponibilidade para retomar a dissertação de Licenciatura, convencido como estava de que fora pioneiro ao lançar-se a tal tarefa académica.

Na parte central, a razão de ser do livro, inseriu a "modesta obra que, esboço apenas, foi nossa companheira em tão longa diáspora, conquistou jus a sair da sombra para a luz da publicidade". Embora substancialmente intacta, viu mudado o título – agora O Deus de Leonardo; também, algum tanto, a linguagem e o estilo, embora conserve forma mui afirm da primeira hora; tem a mesma divisão de partes e sub-partes, a que foram acrescentados um Prólogo e um Epílogo; apresenta, pois, a mesma face e as mesmas linhas condutoras da Dissertação, que, meio século já volvido, foi submetida à apreciação do júri da Faculdade.

A temática da dissertação

Esta parte nuclear do livro é uma interpretação sistemática do momento metafísico da dialéctica criacionista, ou do esboço de sistema filosófico, apresentado por Leonardo no seu primeiro livro "O Criacionismo" e desenvolvido subsequentemente até 1923. Antero Simões cinge-se quase exclusivamente a este primeiro volume, o que é compreensível, dado o carácter limitado da investigação de uma tese de licenciatura. Mas acentua a base gnosiológica desse momento metafísico, ou seja, o desenvolvimento ascensional das noções da dialéctica científica, artística e filosófica ("o momento positivo" da dialéctica criacionista) e tipifica a temática desse momento como "Problema da Relação a Deus".

É esta substancialmente a hermenêutica feita e o juízo valorativo da Teodiceia criacionista, expressos na segunda parte, do livro, metodicamente desenvolvida desde um Prólogo, concebida como Diálogo com Leonardo, e terminada num Epílogo em que defende que o autor do Criacionismo foi um existencialista cristão. Eis alguns passos:

1- "Na verdade, o Criacionismo é, antes de mais, não uma cerrada e impiedosa crítica aos sistemas racionalistas e naturalistas, mas uma aposta da defesa da liberdade ou da "dimensão espiritual" do homem, sempre na indiscutível "relação" com um absoluto de consciência.

Eis, portanto, por que preferimos designar a Teodiceia criacionista por este mais completo sintagma: "Problema da Relação a Deus", último recurso do espírito humano, pessoal e criador." (p.201).

2- "Por consequência, a partir desta embebência transbordante de Deus – excesso que não se manifesta fora da apreensão que em si dele façam as mónadas, e a maior delas é a mónada religiosa – é que o Criacionismo segue, ininterruptamente, por sua dialéctica científico-ético-metafísica, no ideal de resolver os irremediáveis problemas do mal, da morte, do mistério, da liberdade e da consciência. Dentro desta lógica, tão tendencialmente panteísta, embora de fortes acentos espiritualistas, Leonardo resolvê-los-á?" (p. 205)

3- "Com a sua gnosiologia quer ele achar a justa harmonia entre a Razão e a Intuição, no que ambas contêm de conseqüente para a acção pessoal e social dos seres entre si. Neste particular o Filósofo parece afastar-se do puro nocionalismo, para o qual o real é apenas o racional. Mais ainda: parece mesmo distanciar-se do puro Bergsonismo, onde a intuição é a única fonte de conhecimento. Se antes o pensamento entroncava em Hegel, agora considera que, para lá do pensamento, "a realidade mais indubitável e profunda", surgem outras formas de realidade.

Nesta altura Leonardo aproxima-se de Hamelin, de quem aceita a intuição sensível, donde procura afastar-se pelo chamado "princípio da máxima racionalização". É que tal princípio acrescenta à intuição o seu movimento discursivo. (...)

O ponto nodal da questão assenta assim no Criacionismo: - o plano ideal das noções confundido com o ontológico e a ele se sobrepondo parece constituir-se como a passagem da gnosiologia para a metafísica das realidades monadológicas, sem a estabilidade de um fundamento medularmente real. Não é verdade que, para Leonardo Coimbra, só é real o que o pensamento justifica? (p. 222-223)

4- "Do nosso ponto-de-vista escolástico devemos opor-nos aos kantistas e idealistas, inclusive Leonardo, no que aqueles e este atribuem de "impotência" racionalizante para uma verdadeira prova da "Relação a Deus". Temos mesmo de afirmar o primado das leis do ser sobre as do conhecer, a reclamante objectividade das citadas "categorias" de Kant. E, reforçando a nossa posição, temos mesmo de reclamar que, por elas se estabelece uma intencional assimilação dos objectos e abrimos sólido caminho para o dinamismo intelectual. Tudo, para que este confirme, mesmo que imperfeitamente, a Existência e a Essência do objecto da Teodiceia.

Fundamo-nos assim na construção positiva duma Ciência que estuda as várias formas do ser real e mostra a objectividade dinâmica dos três princípios – o da Identidade, o da Contradição e o da Causalidade. E só pelo seu intermediarismo, atingiremos o fundamento real que, pela via da razão, nos relacionará com as essências dos seres finitos e, por elas, com a do Ser Infinito". (p. 223)

A análise judicativa

Nestes textos se vê como Antero Simões sobrevoa, em aprofundada hermenêutica e confronto judicativo, a estrutura e a dinâmica do sistema criacionista, evidenciando as linhas condutoras, as virtualidades metafísicas e teodiceicas, mas também os impasses racionais e desvios intuicionistas e praxológicos (estético-morais) a que chegou o seu autor, pretendendo manter a fidelidade a um espiritualismo idealista, metafísico e teísta, como primeira intencionalidade sistemática.

Daí que continue, na dissertação, descobrindo pontos de conciliação entre o Criacionismo e o Tomismo, este renovado pelo método transcendental no século XX, chegando mesmo a detectar, na prova experiencial da existência de Deus, Mônada suprema, presente no dinamismo do pensamento e da vontade, uma afirmação e uso implícito do princípio de Causalidade. E assim os argumentos aduzidos em O Pensamento Criacionista, aliás como os textos mais concisos de O Criacionismo e de A Alegria, a Dor e a Graça, pecam, em geral, por fundamentarem a "Relação a Deus" numa parcial reflexão do que Leonardo julgou ser a "continuidade moral", aqui mui similar ao "sensus de divino" de Alphonse Gratry.

E que, por outro lado, saliente no Criacionismo o escolho não superado do imanentismo panteísta. Há nele, com efeito, um enorme e quase obsessivo apelo a uma transcendência dinâmica, revelada na imensa Unidade, em cujo seio se fazem as relações monadais, constituindo, no seu momento de concreta manifestação, um pluralismo unificado, um socialismo cósmico, em que termina, sem ultrapassagem, a dialéctica construtivista do pensamento científico e artístico e da vontade moral. Com efeito, a indiscriminação entre a necessidade absoluta em Deus e a universalidade relativa nos seres põe um irremediável termo a tão sublimado esforço, nesta fase criacionista; mas Leonardo não ficou por aqui.

É o que Antero Simões passa a descrever no capítulo "Fases pós-criacionistas". Para ele, a relativa unidade do Sistema da primeira fase não se alarga senão vagamente por uma que outra obra da 2ª e 3ª fases, nos seus "epiciclos" científicos e metafísicos.

As fases pós-criacionistas

A delimitação destas fases aparece neste capítulo um tanto fluida, quer quanto às datas, quer quanto às obras que as integram e documentam. A segunda fase é iniciada em 1921 e vai até 1923, com os livros Adoração,

Jesus, O Pensamento Filosófico de Antero de Quental e A Razão Experimental; a terceira fase situa-se entre os anos de 1926 a 1936, incluindo O Problema da Educação Nacional, S. Francisco de Assis, A Filosofia de Henri Bergson, A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre, O Homem às Mãos com o Destino (póstumo).

No seu início, abrem-se novas perspectivas para a Teodiceia criacionista; aparece mais nítida a coerência lógica e é elevada, inexcedível, a expressão poética da linguagem. Assim, Deus é, nesta fase de transmutação, "vivo Amor de convivência, onde elas (as almas) bebem extasiadas, a pura essência da sua Beleza. Memória inventiva, o seu Ser consiste na própria criação infinita de mais ser".

A Razão Experimental é apresentada como o "pórtico desta fase transmutante, projectando-nos na visão mais nítida das linhas arquitectónicas do grande "Templo" da Ideia de Deus."

Por esta altura, em 1923 e 1924, Leonardo publicou dois importantes artigos que trazem mais luz sobre a nítida evolução filosófica da Teodiceia criacionista. São eles: A Existência de Deus e O Problema do Conhecimento. Aqui, "felizmente", o idealismo criacionista entrou em franca e acentuada crise. Como prova, Antero Simões apresenta apenas a revalorização do Argumento ontológico e a afirmação do poder comprovativo dos argumentos ditos "clássicos", feita por Leonardo, contra o criticismo de Kant, que ele tinha aceitado e defendido desde O Criacionismo. Leonardo mostra como o argumento físico-teleológico, na fusão com o cosmológico, ao contrário do que defendeu Kant, nos leva à ideia de um Deus criador, sem recorrência ao argumento ontológico. Com efeito, para extrair da ideia de Ser necessário a sua inegável existência, parte-se da realidade da ordem, da finalidade e da contingência para a ideia incoercível duma "Causa Ordenadora" e, contemporaneamente "criadora", porquanto, se tal causa ordenadora se limitasse a servir de uma matéria preexistente, isto é, fosse simplesmente ordenadora, não se compreende como podia inserir a sua acção criativa no absoluto da matéria; "só por milagre" poderia acontecer. A partir da experiência da causalidade finita, Leonardo explicita o princípio de causalidade ontológica e atribui-lhe alcance transempírico, metafísico, podendo servir como instrumento lógico para reclamar, por necessidade lógica, a existência da Causa Infinita.

A revalorização deficiente do argumento ontológico

Só que Leonardo usa, na fundamentação do alcance metafísico do princípio de causalidade, a dialéctica do mais ou menos perfeito, mais ou menos completo, que é a dialéctica da exemplaridade, e não a dialéctica da

eficiência. Portanto, o seu raciocínio termina na possibilidade ou na ideia de ser perfeito, ou de causa infinita, e não na realidade afirmada da sua existência.

Vemos, assim, a persistência da revalorização do argumento ontológico, feita já e desde o Criacionismo, ao assumir aí uma das formulações de Descartes na terceira das *Méditations Metaphysiques*, e que tenta manter, mesmo depois de incorporar o ideorealismo tomista e o conseqüente valor ontológico da analogia do ente e do valor metafísico, transcendente, do princípio de causalidade eficiente. O que significa uma persistência do pendor idealista platónico e ontologista, mesmo depois da assimilação do ideorealismo tomista.

Antero Simões advertiu esta problemática ao indicar o cerne da crise do idealismo criacionista, nesta fase de transmutação. Mas ficou-se no apontar concordemente a via ou posição por ele assumida, ao dizer: "E, em cerrada luta contra o criticismo da "Razão Pura", conclui o nosso Filósofo, em abono da tese ontológica "anselmiana", uma explicação paralela à da 4ª via do Doutor Angélico. Se, com efeito, o ontologismo principia por se fixar na análise da ideia de ser perfeito na sua infinitude, não é menos verdadeiro que é, nesta subfase, que o Criacionismo em "crise feliz" reclama, doravante, toda a sua exigente aceitação." (p. 240)

Também não menciona o artigo Sobre a Saudade, aparecido em 1923, dois meses depois de *A Existência de Deus*, na mesma revista "A Águia", que constitui o complemento objectivo, factual, histórico, da invocada experiência subjectiva do dinamismo intelectual e do esforço moral, em que Leonardo assentou a revalorização do argumento ontológico, mantendo-a a par dos argumentos da causalidade eficiente, ou da contingência do ente e da finalidade intentada. Reconhecendo implicitamente a deficiência de base do argumento ontológico, tenta completá-lo com o recurso à experiência externa, objectiva, comprovada da Mística cristã, dada historicamente, que implica o recurso à causalidade eficiente. E aqui se expande, fazendo deste artigo uma verdadeira apologética do Cristianismo e a demonstração inequívoca da sua adesão intelectual à Fé católica, embora apenas em 1935 viesse a dar-lhe a indispensável dimensão comunitária e sacramental, pelo regresso no seio da Igreja Católica.

A terceira parte do livro e conclusão

Resta-nos apresentar a 3ª parte do livro em apreço – "Os Homens de Leonardo". É a mais extensa das três e a mais inovadora no panorama da bibliografia sobre Leonardo Coimbra. Por sua índole histórico-biográfica, não levanta problemas de interpretação. Compreende a listagem mais completa

das pessoas com as quais Leonardo se cruzou na sua vida, no percurso intelectual do Criacionismo à Fé Católica e no seu caminhar existencial de chefe de família, de professor, político e orador.

Em apreciação final, aprez-me salientar o carácter memorialista e o valor de testemunho deste livro exemplar. Antero Simões ao perfazer 75 anos, na coincidência da data centenária da fundação do Liceu da Póvoa do Varzim, no qual terminara a sua carreira de professor (e onde também leccionou Leonardo Coimbra), cumpriu a promessa que tinha feito de publicar a sua dissertação de Licenciatura, a primeira sobre a Filosofia criacionista do Filósofo portuense. Desde 1962, venho defendendo análise interpretativa e judicativa substancialmente idêntica à perfilhada por Antero Simões. Sintonizo-me, por isso, perfeitamente (exceptuados alguns pormenores e aprofundamentos) com esta excelente obra, fruto da maturidade de um professor, que por ela prolonga a seu magistério de sabedoria; de um escritor, com estilo predominantemente literário, mesmo quando trata de temas metafísicos, mas sem trair, com o recurso à alegoria e à imagética, o perfil rigoroso dos conceitos e a formulação adequada dos princípios; de um intelectual católico, que fez deste livro um acto de homenagem aos seus Mestres da juventude e o testamento espiritual, a jóia da coroa de toda uma vida, dedicada à busca e comunicação da Verdade, em demanda de uma perfeição humana, pessoal e social, de que foi tão elevado exemplo o seu "Mestre" Leonardo Coimbra.

Porto, Setembro de 2007

Ângelo Alves

Professor Associado Jubilado da U.C.P.